

INTRODUÇÃO

O Evangelho segundo Mateus: Catequese narrativa para a comunidade dos discípulos do Reino

As primeiras comunidades cristãs foram desafiadas a encontrar respostas para as muitas questões levantadas para sua vida de fé oriundas das relações intracomunitárias, das relações com as comunidades judaicas ligadas à sinagoga ou do contato com o ambiente romano. A suprema pedra de tropeço consistia em crer na salvação oferecida pelo Crucificado, maldito de Deus na concepção judaica e malfeitor na concepção romana. Como explicar esse “absurdo”? Sem o esforço de repensar a fé, à luz da vida e da pregação do Messias Jesus, a ameaça da dispersão e do desaparecimento pairava como uma espada sobre a comunidade de discípulos.

O esforço de Mateus em relação à sua comunidade e o de tantos teólogos, catequistas e pastores inspirados por ele e preocupados com o futuro da fé dos irmãos e das irmãs, dizem respeito à tentativa de estabelecer as balizas para a ação dos discípulos de Jesus, mostrar-lhes o fundamento do que acreditam, evitar a contaminação com mentalidades espúrias, prevenir o desvio de comportamento das lideranças tentadas a se imporem à revelia do ideal do Reino de Deus, oferecer luzes para se esclarecerem as dúvidas quanto à sensatez de abraçar como ideal de vida a proposta de fé do Nazareno.

Tendo no horizonte um conjunto consistente de interrogações, Mateus e os demais evangelistas lançaram-se na tarefa de respondê-las de forma criativa e dinâmica com a narração da vida do Mestre, inaugurando assim o gênero literário *evangelho*. O evangelho enquanto proclamação da boa-notícia do Reino (cf. Mt 4,17) passou a ser expresso em forma

de literatura. Servindo-se das tradições escritas e orais que tinham à disposição, deram-se ao trabalho de esclarecer todas as inquietações dos irmãos e das irmãs de comunidade, empecilhos para a adesão incondicional ao chamado do Mestre e suas exigências. Os evangelistas narraram a vida de Jesus, seus ensinamentos e suas ações, inserindo nas entrelinhas as respostas para as dúvidas de fé e as orientações de como os discípulos do Reino devem se comportar.

Portanto, para entender as catequeses evangélicas, torna-se necessário conhecer as questões de fundo com as quais lidaram. Mas também as técnicas narrativas dos autores, as linhas mestras de sua teologia, cristologia, eclesiologia, escatologia, ética, bem como o pano de fundo cultural e religioso e as tradições teológicas usadas na construção de seus evangelhos.

1. O mundo da comunidade mateana

a. O ambiente judaico

O judaísmo do século 1º trazia a marca da pluralidade. Havia variados grupos e correntes em seu interior, com doutrinas e práticas bem definidas. A diversidade dependia da postura assumida diante de quatro tópicos: o templo, o sacerdócio, a interpretação da Lei mosaica e a presença ostensiva do poder romano.

Embora nem todos os grupos da época sejam aludidos no evangelho, os principais eram os seguintes:

Os *saduceus*, provavelmente derivado do nome Sadoc, correspondiam à aristocracia e às famílias sacerdotais de Jerusalém. Viviam em função do Templo e eram fundamentalistas quanto à Lei, recusando todo tipo de interpretação. Eram favoráveis à dominação romana, da qual dependia a subsistência de seu *status* social e religioso. De certo modo, serviam de intermediários entre o povo judeu e os dominadores estrangeiros.

Os *fariseus*, do hebraico *parash*, separar, segregar, formavam um movimento “leigo” caracterizado pela observância da Lei, interpretada de maneira flexível pelos escribas. Tinham influência na classe média urbana e desprezavam o povo

interiorano por não se apegar à Lei como eles. Faziam resistência passiva aos dominadores romanos, recusando servir-se de meios violentos.

Os *escribas*, doutores da Lei, gozavam de prestígio por se dedicarem ao estudo da Lei e sua difusão entre o povo. Sua influência ligava-se às sinagogas, lugar privilegiado de estudo, ensinamento e pesquisa sobre a Lei. O evangelho associa-os aos fariseus, seus fiéis discípulos e seguidores. A guarda da Lei estava nas mãos dos sacerdotes. Os escribas (gr. *grammateus*), por sua vez, tinham a função de transcrevê-la e, pouco a pouco, tornaram-se seus intérpretes, limitando-se os sacerdotes às funções cultuais no Templo. Dessa forma, assumiram um lugar de destaque junto ao povo (cf. Mt 23,1-7). Serviam-se do *midrash*, do hebraico buscar, procurar, como método para encontrar sempre novos sentidos para os textos bíblicos. Após 70 d.C., começaram a ser chamados de rabinos, do hebraico *rab*, numeroso, imponente, grande.

Os *essênios* são hoje o grupo mais conhecido, depois de ter sido o mais desconhecido. As poucas notícias a respeito deles provinham de Flávio Josefo, em sua obra *Guerra Judaica*. Com a descoberta casual da biblioteca de *Qumran* (1947) e a posterior publicação da literatura do grupo, foi possível conhecê-los mais de perto. Protestavam contra a corrupção do sacerdócio de Jerusalém e viviam segregados nas imediações do mar Morto, à espera da chegada do Messias. Interpretavam as Escrituras de maneira peculiar (*midrash peshet*), como se tudo tivesse sido escrito diretamente para eles.

Os *zelotas* eram um grupo formado por judeus zelosos pela Lei e revoltados com a dominação romana, a ponto de pegarem em armas para libertar o país das mãos dos dominadores. Opunham-se aos saduceus por serem mancomunados com os romanos.

As *comunidades cristãs* palestineses formavam um grupo a mais no leque de tendências no interior do judaísmo, onde se esforçavam para abrir um caminho peculiar guiadas pelas palavras do Mestre Jesus de Nazaré. Sua convivência com os demais grupos nem sempre foi pacífica, pois sofriam hostilidade e rejeição.

O conflito de Jesus com os escribas e fariseus perpassa toda a catequese mateana. Nela Jesus é apresentado em contraposição a eles ao interpretar a Lei com muita liberdade, com o foco em seu espírito em aberto detrimento da materialidade da letra. É crítico da tendência à exibição religiosa praticada por certa corrente farisaica. Enquanto o Templo estava de pé, os membros das comunidades cristãs o frequentavam, contudo não o consideravam imprescindível (cf. Mt 12,6; 24,2). Como os essênios, os discípulos de Jesus de Nazaré formavam uma comunidade escatológica, com a diferença de não se apartarem e menosprezarem os demais, como acontecia com o grupo recluso no deserto (cf. Mt 5,13-16). A presença dos romanos era vista com senso crítico, numa atitude diferente da dos fariseus, que os confrontavam, e mais radicalmente dos zelotas, que os hostilizavam.

b. O ambiente romano

O ambiente mais amplo em que a catequese mateana está inserida tem a ver com o Império Romano. Mateus, com sua comunidade, pertence a um movimento insignificante, situado nas fronteiras orientais do Império, cuja localização precisa se desconhece. Entretanto, sofria forte pressão da ideologia imperial com a qual devia conviver e mostrar a fidelidade ao projeto de Reino inaugurado por Jesus de Nazaré.

A parte oriental preocupava os romanos, por medo de revoltas independentistas. Daí a atenção com o que lá se passava. Urgia fortificá-la militar e economicamente, por questão de defesa e de estratégia, e organizá-la em nível administrativo e militar para torná-la mais segura para o comércio e o trânsito de pessoas.

Quando o evangelho mateano foi escrito, o Império estava bem estabelecido. A Palestina e, nela, a Galileia tinham sua importância como via de comunicação. Com probabilidade tratava-se de uma região desenvolvida cultural e economicamente.

O evangelho comporta elementos ligados ao mundo romano. Entre outros, a legitimidade do pagamento do tributo ao imperador (cf. Mt 22,15-22); o tratamento a ser dispensado

a pessoas, judeus ou não, que trabalhavam para os romanos, como no caso dos cobradores de impostos (cf. Mt 9,9), e os próprios romanos, como no caso dos militares (cf. Mt 8,5-13). Já que o Reino de Deus comporta valores diametralmente contrários aos do Império, o evangelista vê-se na obrigação de orientar sua comunidade no tocante às relações com o colonialismo romano.

c. O conflito judeu-romano e suas consequências

Os anos 66-70 d.C. foram de grandes tensões entre judeus e romanos: a guerra judaica, minuciosamente descrita por Flávio Josefo, quando os romanos, confrontados pelos zelotas a partir da Galileia, acabaram por destruir Jerusalém e seu Templo.

Nessa guerra, os saduceus e os essênios foram dizimados e os zelotas profundamente enfraquecidos. Restaram apenas os fariseus com os doutores da Lei e a comunidade cristã palestinese que fugiu para se safar do conflito. Eusébio de Cesareia, na *História Eclesiástica* 5,6, informa que, ao se aproximarem as legiões romanas de Jerusalém, os cristãos fugiram em massa e se refugiaram em Pela, do outro lado do rio Jordão.

Pelos anos 80, os fariseus promoveram a reconstrução do judaísmo, com um projeto de unificação (uniformização) dos muitos grupos ligados à religião de Israel. Buscou-se criar um calendário comum para as festas, elaborou-se o cânon dos livros inspirados, resultando daí a *Bíblia Hebraica*, e as liturgias sinagogais foram padronizadas. Esse período tem sido chamado de judaísmo formativo.

Os cristãos recusaram-se a entrar nessa dinâmica reformista e passaram a sofrer contínuas perseguições e marginalização por parte das lideranças farisaicas. O acréscimo da *Birkat-ha-mimim* (Bênção contra os hereges) nas *Shemoné esré* (Dezoito bênçãos), oração matinal diária dos judeus piedosos, por volta de 85 d.C., parece ter sido a gota d'água para se consumir a ruptura. Nela se dizia: "Que não haja mais esperança para os apóstatas, e o reino do orgulho seja prontamente desenraizado em nossos dias; que os nazarenos e heréticos pereçam num instante, que sejam apagados do livro dos vivos,

e que não sejam inscritos com os justos. Bendito sejas tu, Y., que dobrais os orgulhosos”. Estavam na mira todos quantos resistiam em se submeter às pressões, entre eles os discípulos de Jesus de Nazaré.

O evangelho de Mateus foi escrito nesse contexto tenso. Por isso, falará em perseguições e mortes que podem ser atribuídas à hostilidade da liderança sinagoga (cf. Mt 5,10-12). O evangelista, contudo, se esforça por manter os vínculos de sua comunidade com a sinagoga, embora chame a atenção para os desvios de conduta dos escribas e fariseus. O evangelho de João, escrito numa época um pouco posterior, alude à ruptura dos discípulos de Jesus com o movimento sinagoga. O episódio da cura do cego de nascença, onde se fala em expulsão da sinagoga, retrata essa situação (cf. Jo 9).

2. A comunidade mateana

A leitura da catequese de Mateus permite esboçar os traços de sua comunidade perceptíveis nos meandros do texto. Aí se encontram os leitores implícitos que o evangelista teve em mente ao longo da elaboração de sua obra. A linguagem, a teologia e os elementos culturais presentes na composição do evangelho têm esse público-alvo como referência.

Os problemas vividos pela comunidade são objeto da preocupação do evangelista. A catequese apresenta-lhe pistas para a consolidação da fé na “busca do Reino de Deus e sua justiça” (Mt 6,33), um projeto de vida superior ao praticado pelas lideranças religiosas judaicas (cf. Mt 5,20) e os cidadãos do Império Romano. Ao reforçar sua adesão ao Ressuscitado e nele encontrar forças para viver e testemunhar o compromisso com o Pai dos Céus, como o Mestre Jesus, estará em condições de superar todas as adversidades.

Eis alguns traços da comunidade para a qual a catequese mateana se destinou.

a. O rosto judeu-cristão

A catequese mateana mostra-se como a mais judaica das catequeses evangélicas. Com facilidade se percebe ter como

destinatária uma comunidade judeu-cristã, pois o substrato judaico salta à vista. Sua localização é incerta, podendo encontrar-se na Palestina, no sul da Síria ou em algum lugar onde o judaísmo tivesse presença marcante. Há quem recorra a Mt 4,24 (“Sua fama espalhou-se por toda a Síria”) para definir seu local de origem. Mais precisamente Antioquia da Síria (cf. At 11,19-26; 13,1). Encontrava-se aí a capital oriental do Império Romano, sendo a terceira cidade em importância, depois de Roma e Alexandria. Outro indicador seria a referência a *nazoraio*s, apelido aplicado a Jesus em Mt 2,23 (cf. Mt 26,71), nome que lá era referido aos cristãos (“seita [gr. *haíresis*] dos nazarenos”; At 24,5).

A forte presença da tradição judaica na catequese mateana permite pensar que a comunidade destinatária fosse formada, em sua maioria, por cristãos provenientes do judaísmo. O evangelho oferece aos membros da comunidade indicações para entender a fé em Jesus de Nazaré à luz da antiga tradição religiosa de Israel. Fiéis às suas origens, os cristãos são orientados a viver de forma radical a fé dos pais, ao buscarem a alma das Escrituras, com a nova hermenêutica praticada por Jesus, superando a materialidade da escrita, à qual os fariseus se apegavam. A afirmação “Vocês ouviram o que foi dito aos antepassados... Mas eu lhes digo”, repetida várias vezes em Mt 5,21-48, constitui-se em claro sinal da guinada que o Mestre de Nazaré deu na religião de sua época.

O evangelista mostra como Jesus propõe um caminho de *continuidade* em relação à religião de Israel, ao mesmo tempo em que estabelece uma *ruptura* com o passado. O Mestre afirma não ter vindo para abolir a Lei e os Profetas, o conjunto das Escrituras, mas para levá-los à plenitude (cf. Mt 5,17). Mostra-se livre diante das tradições religiosas de seu povo (sábado, ritos de purificação, costumes e tabus religiosos); ensina com autoridade (gr. *exousía*), bem diferente dos doutores da Lei (cf. Mt 7,29); liberta os discípulos do legalismo, evitando lançá-los numa espécie de anarquia irresponsável. Por esse viés, leva à *plenificação* a fé de Israel. *Continuidade*, *ruptura* e *plenificação* são chaves importantes para se entender a catequese mateana destinada a mostrar aos cristãos provindos do judaísmo quão acertada foi sua decisão.

O catequista toma distância das estruturas religiosas judaicas, com as quais está em litígio. O uso reiterado da expressão “sinagogas deles”, dos doutores da Lei, sublinha a diferença entre a comunidade dos discípulos de Jesus e a comunidade dos discípulos de Moisés (cf. Mt 4,23; 9,35; 10,17; 12,9; 13,54; 23,34).

b. De coração aberto para os pagãos

As dificuldades nas relações com a sinagoga levaram a comunidade de Mateus a se abrir para os gentios, requisito inadiável de sua missão. O contato com o Império Romano exigia abrir mão dos preconceitos contra os não judeus e olhá-los com benevolência. No evangelho, os primeiros a adorem o menino Jesus são os magos, vindos do estrangeiro (cf. Mt 2,1-12); no final, os pagãos se tornam os destinatários da atividade apostólica (cf. Mt 28,19 e também 24,14; 26,13). Um dos primeiros beneficiados pela autoridade de Jesus foi um oficial romano que, ao interceder pelo servo doente, recebeu um enorme elogio por sua fé (cf. Mt 8,10). Muitas vezes o evangelista usa a expressão “numerosas multidões”, que inclui os gentios. O discípulo do Reino tem a vocação de ser “sal da terra” e “luz do mundo” (Mt 5,13-16), com a missão de fazer a Boa-Nova do Reino ecoar até os confins do mundo (cf. Mt 28,19). O ministério de Jesus começa e se conclui na “Galileia dos Pagãos” (gr. *galilaía tón ethnón*; cf. Mt 4,12-17; 28,16), claro sinal da opção de ir além dos limites de Israel e estender os benefícios da salvação à humanidade inteira.

c. Uma comunidade com organização

O uso de três vocábulos no decorrer do evangelho deixa transparecer o percurso da caminhada na comunidade mateana: *multidão* – *discípulo* – *apóstolo*. *Multidão* equivale a um conceito teológico e significa proximidade descomprometida, curiosa ou interessada com Jesus e com o Reino. Na multidão estão os potenciais discípulos e também os opositores de Jesus. Quem adere ao Mestre e aos seus ensinamentos torna-se *discípulo*. A experiência de discipulado consiste em se colocar no seguimento do Mestre, incluindo a paixão, morte e ressurreição. Só então o discípulo estará capacitado para se

tornar *apóstolo* e ir pelo mundo para anunciar a Boa-Nova do Reino, mantendo a condição de discípulo. Será sempre discípulo-apóstolo (cf. Mt 10; 28,16-20) e a ninguém chamará de “mestre” ou de “pai”, pois um só é o Pai, o Celeste, e um só o Mestre, o Cristo (cf. Mt 23,8-10).

Mt 18 alude às relações no interior da comunidade e estabelece os critérios para a condução dos procedimentos de exclusão (excomunhão), para coibir o autoritarismo das lideranças. A fraternidade e a justiça haverão de ser os pilares do trato com os irmãos faltosos. A declaração do Mestre: “Vocês todos são irmãos” (Mt 23,8) define o estilo de vida comunitário. Ninguém tem o direito de olhar para o outro como subordinado, tampouco tratá-lo como inferior.

Na comunidade mateana, praticava-se o *batismo* em nome da Trindade (cf. Mt 28,19); celebravam-se a *Eucaristia* instituída por Jesus (cf. Mt 26,26-30 e também 14,19; 15,36) e a *reconciliação* conforme um rito preciso (cf. Mt 18,15-17); a *oração* e as *práticas de piedade* eram feitas de maneira muito distinta da dos doutores da Lei e dos fariseus (cf. Mt 6,1-18). Mt 5-7, o Sermão da Montanha, estabelece as balizas das relações interpessoais.

A pessoa do *discípulo-apóstolo Pedro* tem um papel relevante na comunidade mateana. Muitas vezes se faz referência a ele, que se destaca dos demais discípulos. Uma série de textos exclusivos de Mt narram episódios protagonizados por Pedro. Em 14,22-30, caminha sobre as águas; em 16,13-28, recebe grande elogio e, depois, severa censura; em 17,24-27, o Mestre ordena-o pagar o imposto do Templo por ele e por si; em 18,21-22, levanta a questão dos limites do perdão; em 19,23-29, quer conhecer a recompensa merecida por ter largado tudo para seguir o Mestre; em 26,30-35, faz uma declaração dramática de fidelidade ao Mestre, que se mostrará enganosa. Atua como porta-voz do grupo em 15,15; 16,13-16; 17,4. A atribulada experiência de discipulado de Pedro, com seus altos e baixos, torna-se uma espécie de paradigma do discipulado do Reino.

d. Uma comunidade plural

O evangelista não mitifica sua comunidade, com o risco de torná-la um grupo de fanáticos sectários, convencidos de

serem superiores aos demais. Antes se mostra dotado de profundo senso crítico, por ser consciente de suas debilidades. Configura-se com um *corpus mixtum*, onde convivem bons e maus (cf. Mt 13,24-30: o joio e o trigo; 13,47-50: a rede). No banquete do Reino existem pessoas desprovidas da veste nupcial, motivo pelo qual são retiradas da festa (cf. Mt 22,11-13). Ninguém pode se considerar confirmado na fé, pois existe a possibilidade de “esfriar o amor de muitos” (Mt 24,12). Urge estar atentos para as investidas dos “falsos profetas”, desencaminhadores dos irmãos de fé (cf. Mt 7,15-20; 24,11). Os líderes são chamados de “fracos na fé” (gr. *oligópistoi*, de “pouca fé”; cf. Mt 6,30; 8,26; 14,31; 16,8; 17,20). Entre os discípulos, corre a mentalidade mundana de alguns pretenderem ocupar cargos elevados (cf. Mt 20,20-21). Aquele que foi constituído “pedra” sobre a qual a “igreja” foi edificada (cf. Mt 16,18) traiu o Mestre (cf. Mt 26,32-35.69-75). Outro discípulo vendeu-o como se fosse mercadoria (cf. Mt 26,21-47). O evangelista estava preocupado com a má influência do “fermento dos fariseus e dos saduceus” (cf. Mt 16,5-12). As duras invectivas de Mt 23 têm como destinatários os “escribas e fariseus hipócritas” da comunidade, contaminada pelo exibicionismo vazio.

O evangelho, no seu conjunto, pode ser considerado uma catequese narrativa para formar os membros da comunidade. Seu caráter didático, esquemático e prático se percebe na primeira leitura. Daí ter sido usado nas Igrejas primitivas muito mais que os demais evangelhos. Os leitores-ouvintes estarão em condições de acompanhá-lo e compreendê-lo à medida que se aproximarem desse ambiente existencial de fé. A leitura da catequese mateana desconectada do seu contexto original, alheia aos contrastes da comunidade mateana e desinteressada de conhecer as orientações dadas pelo evangelista, presta um grande desserviço à causa da evangelização, por trilhar caminhos alheios aos da fé apostólica.

3. O autor do evangelho

O evangelho não traz a assinatura de seu autor. A autoria (“Evangelho segundo Mateus”) não se encontra no texto grego

original. Tem origem no testemunho de Papias, bispo de Hierápolis (século 2º), referido por Eusébio de Cesareia (século 3º), na obra *História Eclesiástica*, III, 39,16. Papias afirma que Mateus se deu ao trabalho de organizar os ensinamentos de Jesus em língua hebraica e cada leitor os interpretava na medida de suas possibilidades. Foram levantadas muitas questões em torno dessa afirmação sintética e lacunosa. Os ensinamentos (gr. *lógia*) abrangem o conjunto do evangelho ou se limitam a um apanhado de instruções? *Organizar* (gr. *synetáxato*) refere-se a escrever toda a obra? A interpretação (gr. *herméneusen*) tinha o sentido de traduzir? A referência à língua hebraica (*ebraídi dialékto*) tem a ver com o hebraico ou com o modo de se expressar nessa língua? Daqui surgiu a hipótese de o evangelho ter sido escrito originalmente em hebraico e, depois, traduzido para o grego. Essa hipótese foi deixada de lado!

Uma leitura atenta revela a preocupação pastoral de quem escreveu o evangelho. O texto evidencia o esforço de seu autor em ajudar sua comunidade a enfrentar os desafios da perseguição, da dispersão e da capitulação perante as investidas adversárias. Houve quem o chamasse de “pastor de almas”, pelo cuidado com a fé de seus irmãos e irmãs de comunidade, motivo pelo qual se deu ao trabalho de elaborar, com grande habilidade teológica e literária, uma catequese para orientá-los na vivência da fé.

Faz-se necessária uma distinção entre o Mateus apóstolo e o Mateus evangelista, por tratar-se de duas personalidades distintas. Mateus (cf. Mt 9,9) ou Levi, filho de Alfeu (cf. Mc 2,14), um dos doze discípulos enviados em missão, foi um cobrador de impostos para os romanos (cf. Mt 10,3; Lc 5,27), no início do século 1º. Já o Mateus evangelista viveu no final do mesmo século, muitas décadas depois. Equivale ao “autor real” do evangelho, impossível de ser recuperado, pela autoria fictícia que lhe foi atribuída. Refere-se à pseudoepigrafia praticada na Antiguidade, com a atribuição de uma obra a algum personagem importante do passado, para dar autoridade ao texto.

Pode-se, porém, recuperar sua identidade como “autor implícito” nas entrelinhas da catequese atribuída a um certo Mateus. Conhece e fala o grego e possui grande capacidade

literária; tem familiaridade com as Escrituras e dá mostras de estar profundamente inserido nas tradições do povo judeu; por isso usa a expressão *Reino dos Céus* em lugar de *Reino de Deus*, sensível ao costume judaico de não pronunciar o nome de Deus; abraça com muita garra o projeto de Jesus de Nazaré e se torna seu grande defensor; está engajado em uma comunidade cristã cujas crises internas e externas conhece muito bem; goza o reconhecimento da comunidade que acolhe, valoriza, conserva e difunde sua catequese. Dois elementos de sua identidade chamam a atenção. Por um lado, mostra-se realista ao falar da necessidade das obras para se entrar no Reino, desconsiderando as idealizações espiritualizantes. A salvação passa pela solidariedade com o próximo necessitado (cf. Mt 25,31-46). Por outro lado, mostra-se conciliador num tempo em que os discípulos de Jesus de Nazaré eram perseguidos pela liderança da sinagoga. Seu escrito não contém indícios de que incentivasse a ruptura com os perseguidores. Antes pede que os amem, rezem por eles (cf. Mt 5,44) e se recusem a responder violência com violência (cf. Mt 5,38-42).

Entre os estudiosos, existe a tendência de reconhecer Mt 13,52 como assinatura do autor da catequese evangélica: “Todo doutor da Lei que foi instruído no Reino dos Céus é como um dono de casa que tira de seu cofre coisas novas e velhas”. Tratar-se-ia de um doutor da Lei, escriba, que aderiu ao movimento de Jesus de Nazaré e, numa perspectiva cristã, reinterpretou a tradição teológica e religiosa de Israel, convencido de recuperar as raízes da fé dos antepassados. Embora falando grego, possuía sólida formação judaica. Isso possibilitou-lhe escrever sua catequese em grego, lançando mão de recursos literários e tradições teológicas recorrentes no ambiente judaico.

4. A estrutura da catequese mateana

A catequese de Mateus tem um plano bem elaborado, perceptível quando lida no seu conjunto. A articulação acontece em torno de cinco grandes discursos de Jesus, concluídos com uma fórmula fixa: